

CIENTISTAS DAS SOLUÇÕES IMAGINÁRIAS: A MEDIAÇÃO DESENVOLVIDA A PARTIR DO PROJETO PATAFÍSICA

ANDY HELLEN MARQUES REAL¹; KARINA GALLO ²; AMANDA DE ABREU ³;
CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT ⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – andy.marques.real@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – karinag2706@gmail.com,

³ Universidade Federal de Pelotas - martinsdeabreuamanda@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas– carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem por objetivo explanar sobre o papel do mediador enquanto ferramenta de ação e transformação do ser afetado a partir da experiência e da mediação sensível possibilitada pelo contato com o ambiente, espectador e obra, experienciadas a partir do projeto Patafísica: Mediadores do Imaginário¹ .

O texto foi desenvolvido a partir de experiências práticas, leitura de textos e discussões a cerca do que é mediação e o papel do mediador enquanto intermediário entre artista, obra e sujeito espectador/ouvinte/propositor. Destaco a as mediações da exposição Tocar o Tempo, da artista e professora Márcia Sousa, ocorrida na galeria A Sala do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, entre os meses de junho e julho de 2016.

2. METODOLOGIA

A metodologia da mediação Patafísica parte, a princípio, da experiência e do olhar sensível, a partir do que se entende por experiência: “o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca” (BONDÍA, p 21. , 2002).

Por meio do contato com o sujeito espectador, o “mediador patafísico”, pela observação, percebe a possibilidade de se aproximar e assim fazer a primeira interação direta. A partir daí é que se define o melhor caminho para a mediação de acordo com cada sujeito ou grupo de sujeitos.

Dada à abertura por parte do sujeito espectador, o mediador pode iniciar o diálogo partindo com uma pergunta indireta. Digo de uma fala não relacionada diretamente com a exposição, como um comentário sobre o tempo, o ambiente, o

¹ O projeto extensão Patafísica: Mediadores do Imaginário acontece desde 2013, orientado pela professora Carolina Rochefort, tendo como objetivo propor mediações em exposições de arte que estimulem a imaginação criadora dos visitantes através do fazer artístico.

clima, etc para então chegar na obra/exposição a fim de captar a atenção e perceber a disponibilidade do outro para uma conversa.

O “mediador patafísico” tem como uma das ferramentas de mediação, a palavra, ou a narratividade (HELGUERA, 2011) e a possibilidade que ela e outros estímulos provindos do próprio espectador ou exposição oferecem naquele momento.



Figura 1: Mediação Patafísica, Julho de 2016 - Exposição Tocar o Tempo

A palavra serve para o desenvolvimento da discussão, assim como os dados oferecidos pelo artista. O que diferencia o “mediador patafísico” do mediador comum, é o como essas ferramentas são utilizadas. Nesse caso, a palavra é usada enquanto possibilidade de contato, troca e experiência com o outro:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (BONDÍA, p.20, 2002)

Pensando nisso, o mediador Patafísico se utiliza dessas ferramentas, para propor e instigar o outro a fim de conhecê-lo e então começar a discussão acerca da obra/exposição agregando o conhecimento e a vivência daquele a ela.



Figura 2: Reunião do Grupo Patafísica - 04/07/2016 – Diálogos sobre mediação

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ponto de partida apresento assinalo a exposição Tocar o Tempo, da artista e professora Márcia Sousa, ocorrida na galeria A Sala do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, entre os meses de junho e julho de 2016. Durante esse período foi possível experienciar, enquanto parte do grupo de Patafísica, métodos e discussões acerca do papel do mediador, enquanto colaboradora educacional e facilitadora de experiências sensíveis e as ferramentas possíveis para uma mediação de qualidade.

Partindo do princípio de que “a informação não é experiência” (BONDIÁ, p.21, 2002), não basta que o mediador apresente dados sobre a exposição ou obra. Priorizar a informação acerca da obra ou do artista em uma mediação Patafísica pode dificultar a relação dessa com o sujeito espectador, podendo causar grande desconforto ou sentimento de não pertencimento, uma vez que não faz parte da sua vivência. Seria como explicar a alguém sobre a figura de um baobá, sem que esta pessoa nunca houvesse tido contato com a árvore e o que ela representa. “Ao não poder encontrar traços de uma narrativa, nossa reação é de estranhamento, e inclusive de rejeição” (HELGUERA,2011).

Pensando nisso, o mediador, por meio da observação do espaço e das inúmeras possibilidades dada pelos sujeitos envolvidos, traça uma metodologia da partilha, onde começa a se desenvolver o primeiro diálogo por meio da troca. Assim, é possível a troca e a mistura das informações técnicas da exposição com as experiencias e memórias de cada sujeito. Por meio de perguntas, comentários ou ações, é que a experiência de mediação acontece de maneira conjunta e

individualmente, pois, apesar de ser proposta por um e consentida pelo outro, cada sujeito (mediador ou espectador) absorverá o cenário proposto de maneira única.

Ao entender que cada sujeito é um ser único e particular, dotado de experiências e entendimentos próprios sobre o universo à sua volta, é possível desenvolver, junto dele, espectador/coautor, a leitura/interpretação do que é proposto.

4. CONCLUSÕES

É possível, dentro do método de mediação do Grupo Patafísica elaborar conceitos próprios acerca do que é a mediação e seu papel enquanto ferramenta de formação de opinião e construção do indivíduo em si. Além de propor a autoavaliação enquanto colaboradores educacionais e seres dotados de experiências e possibilidades capazes de transformar e ser transformados no contato com o outro e o que ele tem a dizer. Transformamos, assim, galerias, centros culturais ou de manifestações artísticas em muito mais do que espaços contemplativos e de venda. Esses espaços transformados são capazes de interagir diretamente com as inquietações e sensações do outro e tudo o que acompanha seu desenvolvimento até ali.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, J.L. Notas sobre experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.19, p.20 – p.28, 2002.

HELGUERA, P. O peso do conto: a narratividade como ferramenta de mediação. In: Caderno de Mediação. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.